
“LIBERALISMO HOJE ACABA SENDO SINÔNIMO DE LIBERALISMO ECONÔMICO”: UMA ENTREVISTA COM CAMILA ROCHA, AUTORA DE *MENOS MARX, MAIS MISES*

ENTREVISTADOR

Sergio Schargel¹

<https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>
<http://lattes.cnpq.br/0215890727285473>

Data da entrevista: 21/11/2022

Cidade: São Paulo

A cientista política Camila Rocha é conhecida como referência nos estudos do liberalismo no Brasil. Autora de *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a nova direita no Brasil*, editado pela Todavia em 2021, foi finalista no Prêmio Jabuti de 2022 e



recentemente inaugurou uma coluna na Folha de S.Paulo. Em sua obra, Rocha mergulhou no universo liberal em um contexto desafiador, buscando compreender as razões por trás do crescimento das ideologias liberais no Brasil.

Nesta entrevista, gravada por meio da plataforma *Google Meet* no final de 2022, Rocha analisa o papel do liberalismo — em suas várias vertentes — sobre a ascensão da extrema direita no país. Além disso, também explora as distintas correntes internas da ideologia liberal,

¹ Doutor em Comunicação pela UERJ, doutorando em Ciência Política pela UFF. sergioschargel@gmail.com.

aprofundando suas contradições, semelhanças e diferenças, bem como definindo e caracterizando o conceito de liberalismo.

1) Antes de tudo, você poderia se apresentar? Falar um pouco sobre você, quem é a Camila Rocha, sua trajetória, seus livros, sua carreira, sobre o que é a sua pesquisa? Como foi o processo de escrever Menos Marx, mais Mises, e a sua recepção?

Fiz mestrado com o professor André Singer sobre petismo e lulismo na periferia de São Paulo. Já nessa época usei uma abordagem mais etnográfica, com entrevistas, o que é algo pouco usual na Ciência Política, que usa muito métodos quantitativos. No doutorado eu mudei de tema, resolvi estudar a direita. Resolvi estudar esse tema por dois motivos: primeiro porque estávamos vivendo, em 2012, 2013, o que chamávamos de *Pink Wave* na América Latina, vários governantes de esquerda ou centro-esquerda sendo eleitos. E eu pensei: bom, uma hora vai ter uma reação a isso. Não sei como vai ser, mas acho que vai ter algum tipo de reação. O outro motivo foi porque eu fiz uma disciplina na pós e percebi como tinha pouca coisa escrita sobre a direita depois da redemocratização no Brasil. Dava para contar nos dedos das mãos o tanto de livro que tinha sobre candidaturas de direita. Tinha uma ausência na literatura e eu acho o tema politicamente relevante.

Inicialmente, eu ia fazer uma pesquisa baseada apenas em documentos históricos, pois nunca achei que fosse possível ter acesso que possibilitasse entrevistar as pessoas, quanto mais fazer algo etnográfico. Porque eu tinha esse histórico, ter sido orientada pelo André Singer, conhecido como intelectual público do PT, eu mesma sou de esquerda, participei do movimento estudantil, ligada a partido. Mas, no final, acabou que quando eu fui pesquisar os documentos históricos lá na sede do Instituto Liberal, no Rio de Janeiro, estava tão bagunçado que precisei ficar lá fazendo pesquisa. Também tive a sorte de me dar bem com o diretor na época, que me deixou pesquisar o que eu quisesse. Isso foi fundamental para o sucesso da pesquisa. Eu acabei ficando amiga das pessoas que trabalhavam lá, porque sentávamos todos os dias para trabalhar juntos. Todo mundo sabia que eu sou de esquerda, mas nos dávamos bem. Então tive a ideia de começar a fazer entrevistas para compreender melhor os documentos que estava analisando. Vi uma abertura ali, desenvolvi uma relação de confiança, e foi assim que comecei a fazer o que os cientistas sociais chamam de método bola de neve. Você vai entrevistando as pessoas, cada um indica três pessoas, vai fazendo assim até fechar um grupo de pessoas. Além disso, também fiz essa abordagem mais etnográfica de ir a eventos, de participar daquele universo que na época eu classifiquei como o nascimento de uma nova direita. Depois os membros dessa nova direita vieram, em sua maioria, a apoiar o Jair Bolsonaro em 2018. Mas naquela época o Bolsonarismo, como fenômeno,

não estava tão claro. Aliás, acho que essa foi uma das riquezas do trabalho que eu fiz, demonstrar uma espécie de pré-história da coisa toda.

Depositei a tese em novembro de 2018, logo depois da vitória de Bolsonaro. Defendi em fevereiro de 2019, já tinha um interesse das pessoas pela tese devido ao acesso muito rico que eu tinha daquele universo. Inclusive, entrevistei uma pessoa que chegou a ser o primeiro Ministro da Educação de Bolsonaro, o Ricardo Vélez. Antes de defender, já existia a proposta de transformá-la em livro, mas eu disse: “não, calma, está tudo muito quente ainda. Preciso de um tempo para entender tudo isso”. Então veio a pandemia e escrevi o livro, lançado em 2021. Além disso, acabei publicando outros textos, como um livro em inglês chamado *The Bolsonaro Paradox*, que saiu pela Springer em parceria com outros dois colegas, Jonathan Medeiros e Esther Sollano. No final, acabou sendo uma pesquisa pioneira sobre o assunto.

2) É muito interessante como você reparou nesse movimento antes dele tomar uma forma, nesse pré-bolsonarismo. Em 2012 ainda, antes das manifestações. Você fala em seu livro que é uma pessoa de esquerda, no entanto, mergulhou no universo liberal por anos. Como foi essa experiência? Isso alterou a sua posição ou ideologia política? Foi bem recebida nos meios liberais mesmo com a sua posição? Há alguma história boa a contar sobre isso?

Olha, sempre fui muito bem recebida, nunca tive nenhum problema. Ou as pessoas perguntavam se eu defendia ideais liberais, e eu falava que não; em geral, parava por aí. Eu desenvolvi esses laços de confiança no começo, e eles foram fundamentais porque eu já vinha apresentada por outras pessoas de confiança.

Acho que a única história mais divertida que eu tenho é quando fui entrevistar o Adolpho Lindenberg (um dos fundadores da Tradição, Família e Propriedade no Brasil, que hoje está no Instituto Plínio Correia de Oliveira (IPCO)). Ele foi o principal patrocinador da tradução da obra do (Friedrich) Hayek para o português. Eu fui a um evento em que ele estava lançando um livro. Nem tinha pensado em entrevistá-lo, estava lá só para conversar um pouco. Na fila de autógrafos, ele perguntou de onde eu era, falei que fazia doutorado no departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP), e ele respondeu: “tem muita gente de esquerda lá, né?”. Eu concordei, embora na verdade nem tenha tanto assim. Mas depois não perguntou mais nada. E deu a entrevista, foi super educado, mas é uma constatação que achei curiosa.

No mais, do ponto de vista pessoal, foi muito enriquecedor. Foi importante remover uma barreira emocional e poder dialogar com alguém que pensa diferente. E ouvir de verdade a pessoa, estar disposta a mudar minha opinião sobre algo. Eu sempre falava: “Bom, eu tenho minhas crenças muito firmes, o que defendo moralmente”. Agora, ouvir uma opinião diferente, respeitar ideias, estou sempre aberta. Inclusive, foi o que me permitiu depois, ao concluir a pesquisa, realizar pesquisas para fundações do

terceiro setor, partidos e pesquisas qualitativas com o eleitorado do Bolsonaro, desde as pessoas mais críticas até as mais radicais. Acho que essa experiência no doutorado foi fundamental para isso. Hoje consigo fazer essas entrevistas, por exemplo, e ouvir quem pensa radicalmente diferente de mim. Consigo ter empatia, ouvir a pessoa, não tenho esse bloqueio emocional.

3) Algo que também fica muito explícito em sua obra é o racha na comunidade liberal, entre os liberais que aderiram ao Bolsonarismo e os liberais que o rejeitaram, como o Livres. Por que ocorreu essa divisão? Podemos pensar que os liberais contra Bolsonaro estão mais alinhados a uma corrente do liberalismo clássico, enquanto os a favor estão mais ligados a um liberalismo apenas econômico? Nesse segundo grupo, qual é o papel, por exemplo, de um Rodrigo Constantino? Quais os argumentos os liberais usam para defender o autoritarismo bolsonarista, que acaba entrando em alguma medida em contradição com o liberalismo clássico?

Faz muito sentido a sua questão. O ponto do liberalismo hoje, quando falamos em neoliberalismo, acaba sendo justamente sinônimo de liberalismo econômico. E não apenas liberalismo econômico, mas de um movimento de direita. O direito principal que é defendido é o direito de propriedade privada, diferente de um liberalismo mais igualitário, que também não deixa de ser econômico, mas onde a defesa da propriedade privada não é defendida a qualquer custo. E para os liberais de direita, ela é defendida a qualquer custo.

Voltando para os nossos personagens, acredito que a grande maioria das pessoas que entrevistei que estão no campo do liberalismo de direita faz essa defesa. Isso é o principal para elas. E não, por exemplo, a defesa de outros tipos de liberdade, como a liberdade civil.

Agora, tem outra coisa que precisamos explorar e que deixa tudo mais complexo. O Bolsonarismo fez uma operação ideológica muito interessante. Quando ele faz a defesa da liberdade de expressão contra a censura, na verdade, o que ele está querendo dizer é a liberdade de atentar contra as instituições democráticas, algo que não está contido na liberdade de expressão. Bolsonaro fala que quando você impede as pessoas de atacarem as instituições democráticas, o STF, o Congresso, você está censurando as pessoas. É um discurso que se comunica muito com um núcleo libertário dessa nova direita. Não é apenas defesa da liberdade privada, mas também uma defesa dessa liberdade ilimitada, vamos dizer assim, sem nenhum tipo de impedimento. O Bolsonarismo teve muito sucesso nisso. Por exemplo, se formos pensar na pandemia, as ideias de liberdade de não usar máscara, de sair por aí durante o isolamento, se comunicavam muito bem com esses fundamentos mais libertários dessa nova direita. As pessoas achavam isso legal, “isso mesmo, contra o Estado, não preciso usar máscara”

Eu acho que há esses dois elementos no Bolsonarismo, pensando no tipo de liberalismo e libertarianismo que essas pessoas estão defendendo. Há uma minoria liberal que sempre resistiu, que desde o início falava que Bolsonaro era autoritário. Depois o MBL também acabou tendo um certo distanciamento com o Bolsonaro e acabou explicitando isso. Mas sobre o Rodrigo Constantino, eu acredito que ele se encaixa bem nesse grupo das pessoas que defendem tanto a primazia da propriedade privada e da “liberdade de expressão”, “contra a censura”. Acho que ele segue essa linha. E também há uma questão pragmática de se posicionar contra o PT e não desejar o seu retorno ao poder sob nenhuma forma. Então acaba por defender o Bolsonaro e pronto, acabou. Até porque não há outra alternativa no campo da direita que represente os interesses deles, então Bolsonaro acaba sendo visto como a única alternativa.

Algo parecido já aconteceu em diversos momentos da história, essa adesão dos liberais aos autoritários da extrema direita. Basta pensar em Margaret Thatcher, que não tinha um projeto autoritário de extrema direita, mas era conservadora e recebeu o apoio de Hayek. Inicialmente, ele não queria apoiá-la, mas vários momentos históricos demonstraram essa tendência dos liberais no campo da direita de aderir a projetos conservadores ou mesmo reacionários.

4) O que explica a profusão de think tanks e o crescimento das ideologias liberais no Brasil? Por que esse recrudescimento no século XXI? Você fala dos think tanks como propagadores da ideologia liberal. Nesse sentido, qual foi o papel deles no Brasil? E no mundo? Que espaço eles preenchem?

Uma coisa interessante que o próprio Hayek falava nos anos 1950, quando o neoliberalismo ainda estava longe de ser um consenso entre as elites econômicas e políticas, era: “Bom, a gente não tem espaço nos partidos... De esquerda nem pensar, mas nos de direita também não, para propor isso que a gente quer. Então o que a gente precisa fazer? Atuar na sociedade civil, para começar a criar um consenso em torno dessas políticas que a gente acredita”. Daí veio essa história de fundar *think tanks* para poder fazer essa mudança ideológica mais ampla na sociedade e impactar também nos governos.

Esse foi um movimento que começou ainda no final dos anos 1950 e ganhou mais força nas décadas de 1980 e 1990. Foi nessa época que houve uma explosão de fundações de *think tanks* de orientação liberal no mundo. Na América Latina, por exemplo, não apenas no Chile, mas também na Argentina, surgiram quadros neoliberais no governo, e nesse período já existiam *think tanks* que promoviam o neoliberalismo na região.

No Brasil, ocorreu um movimento semelhante. Logo após o primeiro governo da Ditadura Militar, que adotou uma abordagem desenvolvimentista e estatista, não

havia espaço para o pensamento neoliberal. Nesse contexto, empresários começaram a criar *think tanks* com o objetivo de influenciar principalmente políticos, mas também outros empresários, jornalistas, lideranças acadêmicas e outros setores da sociedade.

Em certo sentido, pode-se dizer que os *think tanks* foram razoavelmente bem-sucedidos em convencer uma parcela da elite sobre a necessidade de adotar políticas neoliberais no Brasil. No entanto, houve um período de declínio em suas atividades, e parece que retomaram força especialmente durante o governo do PT. Com a nomeação de Guido Mantega como Ministro da Fazenda, que adotou uma abordagem que ia contra a orientação neoliberal do primeiro governo Lula, os *think tanks* voltaram com uma postura mais radical. Um exemplo disso é o Instituto Mises Brasil, que pode ser classificado como libertário e ultraliberal, adotando posições mais extremas.

Atualmente, observa-se a existência de *think tanks* não apenas no Brasil, mas também em outros lugares, que adotam uma abordagem neoliberal. No entanto, também existem *think tanks* que consideram os neoliberais como “fracos” e adotam posições mais radicais. Esses *think tanks* defendem políticas públicas extremas, chegando a flertar com a ausência total do Estado, exceto nas áreas militares e judiciais. Esse fenômeno tem ganhado certa expressão no Brasil e em outros países.

5) E quais são os think tanks mais relevantes no Brasil? Você mencionou o Instituto Mises Brasil e o Hélio Beltrão Jr. Especificamente, como surgiu a Atlas Network e como ela atua ainda hoje?

No Brasil, para essa geração mais jovem que pesquisei, acredito que o Instituto Mises Brasil seja importante. Também há o Instituto Millenium, mas este tem uma orientação mais neoliberal, enquanto o Mises é mais radical. A Atlas Network é, na verdade, uma organização articuladora norte-americana que surgiu devido à grande quantidade de *think tanks*, e as pessoas que trabalhavam neles pensaram: “precisamos de uma organização para articular todas essas instituições internacionalmente”. Assim, a Atlas foi criada como uma organização norte-americana. No entanto, se você observar os membros que passaram pela Atlas, muitos também passaram por vários outros *think tanks*. Portanto, às vezes as pessoas pensam que a Atlas tem muito dinheiro e financia outras organizações, mas eu acho que a questão do financiamento em si não é tão importante assim. O financiamento que eles oferecem é relativamente baixo. O ponto principal é a organização em si e a capacidade de difundir um discurso razoavelmente homogêneo para o mundo todo. Existem alguns pilares de princípios que todas as organizações devem seguir. Claro, há adaptações para cada região, mas acredito que esse seja o ponto principal. A Atlas também pode apoiar intercâmbios, cursos e outras atividades desse tipo, que também são importantes. Pela minha pesquisa, tenho a

impressão de que o peso da Atlas é muito mais importante em termos ideológicos, na manutenção de uma ideologia, do que em grandes quantias de dinheiro. Além disso, sempre haverá empresários dispostos a financiar políticas que defendem, por exemplo, que ‘imposto é roubo’. Não é tão difícil encontrar pessoas dispostas a financiar algo desse tipo, principalmente no caso do Brasil.

6) Então é muito mais uma rede de apoio e influência do que financeiro mesmo.

Acho que essa não tinha como fugir, eis a grande pergunta: na sua visão, quais as diferenças entre as várias correntes do liberalismo? Liberalismo, libertarianismo, anarcocapitalismo, ordoliberalismo e neoliberalismo, entre tantos outros prefixos possíveis? E qual dessas correntes o Bolsonarismo, ou ao menos o fragmento do Bolsonarismo que cooptou um fragmento dos liberais, tem mais proximidade?

São muitas correntes. Acho que podemos começar a pensar pelo neoliberalismo, que é uma corrente que sempre sofre uma simplificação. As pessoas sempre pensam “ah, se tem liberal defendendo livre mercado então é neoliberal”, não é. O neoliberalismo nasceu para se diferenciar do *laissez-faire*, principalmente após a crise de 1929. Os neoliberais passaram a falar “olha, a crise ocorreu porque o Estado interveio de uma forma não para manter o livre mercado. Então precisamos de um Estado para manter o livre mercado”. Antes, com o *laissez-faire*, o Estado atuava meio como “ah, deixa acontecer”. Com o neoliberalismo, não, o Estado precisa ajudar a acontecer.

Então, em uma reunião em que os intelectuais discutiram o que precisavam fazer para salvar o capitalismo, os ordoliberais discordaram. Falaram que o *laissez-faire* era, sim, problemático, o mercado não consegue se regular sozinho e ele precisa ser regulado para funcionar e não causar esse tipo de crise. Foi um movimento muito mais popular na Alemanha, por isso se chama de ordoliberalismo alemão. Se fossemos pensar numa escala de radicalidade, o ordoliberalismo é menos radical, depois vem o neoliberalismo, e depois essas correntes que podemos classificar como libertarianas. E existem várias. O objetivismo, o minarquismo, até a última, o anarcocapitalismo, a abolição completa do Estado e o mercado sem qualquer tipo de controle.

O degradê é esse: em que medida a gente precisa regular o mercado ou não e qual o papel do Estado nisso. Vamos ter desde os ordoliberais falando que, não, o mercado precisa ser regulado, até o anarcocapitalismo que fala que não deve existir Estado para nada, cada pessoa com a sua propriedade privada e a sua árvore.

Eu acho que o Bolsonarismo, sob o ponto de vista prático, dá continuidade a políticas neoliberais como privatizações, eliminar determinadas “barreiras” para o livre mercado poder se expandir. Se pensarmos, por exemplo, na atuação do governo na Amazônia, quando ele elimina a legislação ambiental, por exemplo. Agora, para além

disso, houve uma mudança importante, algo que não existia antes, e que dialoga muito mais com essas correntes libertárias, como a questão do *homeschooling*. Ter a liberdade de educar seu filho em casa é algo que também se conecta com o discurso de alguns atores religiosos, que veem isso como positivo, já que podem projetar uma educação religiosa maior em seus filhos, com ênfase em suas crenças. Se na escola a criança precisa aprender sobre a teoria da evolução, de repente você pode substituir totalmente pelo criacionismo.

Também é importante retomar a questão que discutimos antes sobre a liberdade de expressão. A pandemia trouxe à tona debates sobre o uso de máscaras e também sobre armas, sendo apresentado como uma questão de liberdade. Às vezes, a pessoa pode nunca usar uma arma na vida, nem saber como usá-la, mas defende a liberdade de possuí-la. Acredito que houve essa guinada, e por isso acho que o ponto ideológico do Bolsonarismo é de um libertarianismo reacionário. Ele se apropria desse ideário libertariano, posicionando-se contra o Estado, contra as instituições, e a favor da proteção dos homens, suas famílias e sua propriedade privada. Há uma forte presença desse ideário no Bolsonarismo, tanto na vertente mais neoliberal quanto nas correntes libertárias.

7) Algo que aparece no seu livro também, e que é algo curioso e que eu já tinha trabalhado antes, mas por que alguns liberais rejeitam a ideia de neoliberalismo, enquanto outros a abraçam? Faz sentido esse prefixo? Por que alguns rejeitam esse “neo”? O que há de significativo para justificá-lo? Por que ele tem tanta força?

Do ponto de vista acadêmico, para identificar as correntes, faz sentido. Porque, de fato, o neoliberalismo é uma corrente ideológica que se diferencia do liberalismo. Na verdade, o liberalismo é um tronco ideológico com vários ramos. Por isso, ficamos “ordoliberalismo”, “liberalismo não sei o que”, para diferenciar. E até essa diferenciação entre liberalismo econômico e liberalismo político acaba sendo importante, porque na prática nem toda pessoa que se diz liberal vai defender as duas coisas, ou com a mesma ênfase. E o prefixo “neo” é importante para existir essa diferenciação com o *laissez-faire*.

O ponto é: os próprios defensores do neoliberalismo usavam esse termo até os anos 1980. O problema é que, com a experiência chilena, o uso do termo “neoliberal” acabou se tornando um xingamento. Ficou muito estigmatizado, com os Chicago Boys e seu experimento no Chile. A esquerda usava muito esse termo “neoliberal” de forma pejorativa, como xingamento. Então as pessoas passaram a se sentir impelidas a não usar mais “neoliberal” e voltar a falar em “liberal” para tentar se dissociar dessa

conotação negativa. Mas, como relato no livro, sobre minha ida ao Instituto Liberal no Rio, havia correntes internas lá e muitos falavam em neoliberalismo ou neoliberal.

Acho, então, que foi muito para se afastar dessa carga pejorativa que os próprios membros dessa comunidade epistêmica pararam de usar o termo, mas acho que faz todo sentido essa classificação. Era interessante que até outro instituto, o Instituto Atlântico, por exemplo, já falava que não era neoliberal. É preciso olhar a disputa política sobre o que as pessoas vão defender na prática.

8) Parecido com o que aconteceu com o fascismo. Como se tornou um conceito tão apropriado como xingamento, George Orwell já escrevia sobre como o fascismo havia se tornado um xingamento em 1940. Então, isso acabou sendo completamente deturpado. Mas, enfim, é só uma digressão?

Sim, é bem isso.

9) E aí nós temos alguns movimentos tão próximos, mas que negam. Alguns poucos se assumem como tal. O Aurora Dourada é um deles. A maioria dos movimentos de extrema direita, mesmo aqueles muito mais próximos, procuram de qualquer forma recusar esse rótulo. Então, acho que acaba acontecendo algo parecido.

Com certeza. Só pensar nisso mesmo que você falou, no fascismo. Têm vários movimentos que são neofascistas, ou que se identificam de alguma forma com o fascismo, mas que não vão falar abertamente “nós somos fascistas”.

10) Não, ainda mais depois do Holocausto, da Guerra. Ainda tem esse adendo. Não vai ser tão bem visto quanto em 1930. Tanto que até o Plínio Salgado depois tenta se afastar, no discurso dele na Câmara em 1960, dizendo “que isso, fascista? Jamais”.

Exatamente, é esse movimento. Ele deixou de defender as mesmas coisas que defendia? Não.

11) Só negou o rótulo. Chega a ser engraçado, mas ele publica em 1945 o Manifesto-diretiva, quando volta de Portugal, do exílio, depois de ter passado cinco anos conversando com os nazistas, flertando para ver o que faria dependendo do resultado da Guerra. Quando volta ao fim do Estado Novo já nega qualquer vinculação passada. Inclusive volta dizendo que fascismo e comunismo são sinônimos. Mas enfim, perdão por sair do tópico. Minha dissertação foi sobre isso, então acabei mergulhando um pouco no Salgado e nos escritos dele.

Mas voltando para o que interessa, você acabou de falar que o liberalismo é um tronco com vários ramos. Você também discute a própria noção de ideologia. Nesse mesmo

sentido, o que você entende por ideologia? E a ideologia política, em específico? Qual a relação entre ideologia política e prática política? Como o liberalismo se insere como ideologia em relação, por exemplo, ao socialismo? Como se diferem ideologias modulares de macroideologias?

Tanto na tese de doutorado quanto no livro, eu cito o argumento de um cientista político britânico, Michael Freeden que vai justamente pensar em ideologias orientadas à prática política. Eu achei muito interessante, casava com o que eu estava fazendo. Por mais que tentemos colocar as coisas em caixinhas, separando como se fossem ideológicos sociais, o ponto é que a prática política vai fragilizando as fronteiras da ideologia. É o que estávamos conversando agora, de repente falar que é neoliberal ou fascista começa a não ser mais possível. Então as pessoas adaptam o discurso, e isso acaba impactando na própria prática política. Esse argumento de que “comunismo e fascismo” são a mesma coisa, é um discurso que usam até hoje. E, em um certo sentido, o Hayek, o Mises usavam para falar que qualquer nível de intervenção na economia que vise limitar o livre-mercado já é uma pré-condição para o autoritarismo, o Estado de bem-estar social está a um passo para se tornar totalitário. Marxismo, fascismo, tudo é totalitário, menos o que eles defendem.

Esses tipos de operação ideológica vão tendo esses efeitos. Nesse ponto nos lembramos da contradição do Bolsonarismo, explicitamente autoritário, que defende a Ditadura Militar, defender uma suposta liberdade de expressão. Não faz sentido esse flerte com o libertarianismo. Uma coisa não é o autoritarismo, outra não é a defesa da liberdade a qualquer custo? Acho que o interessante é isso, essa divisão entre macroideologias — os grandes troncos — e as ideologias modulares facilita a percepção de como na prática as coisas são muito mais em tons de cinza, muito mais sujas, umas misturas estranhas acontecem na prática, bem diferente da teoria. E precisamos entender como, por quê. Libertarianismo é uma ideologia modular, justamente porque ela consegue combinar com outras correntes ideológicas sem se descaracterizar. Porque o libertarianismo não é uma ideologia complexa o suficiente para dar resposta a praticamente todos os problemas sociais, políticos e econômicos. Por isso que ele pode se combinar com outras coisas. Mesma coisa o nacionalismo, você pode ter um nacionalismo à esquerda, terceiromundista, como a gente teve, ou você pode ter um nacionalismo de extrema direita. Ambos estão reivindicando a proeminência da nação, dessa comunidade imaginada, mas com sentidos diferentes. Mesma coisa com o libertarianismo. Você pode ter um libertarianismo mais à esquerda, por exemplo, nada impede. Nós vemos o mais à direita, mas nada impede. Quando uma pessoa é fascista, entendendo o fascismo como uma macroideologia, fica mais difícil dizer algo do tipo “um fascismo de esquerda”. Vai ter gente que vai dizer algo assim, mas nós nunca vimos.

Essa organização que ele faz nos ajuda a entender esses movimentos ideológicos na prática. Como as pessoas vão se orientando e se reorientando de acordo com as coisas que vão acontecendo.

12) Você fala também da noção de individualismo possessivo. Como isso se relaciona com a ideia de self-made man? Qual a função dessa noção para os liberalismos? Como essa visão do self-made man se intrinca no cenário político brasileiro, e qual a sua relação com o Bolsonarismo?

Essa noção de “individualismo possessivo” é do Crawford Brough Macpherson, cientista político anglo-saxão, que basicamente usa para compreender onde o liberalismo anglo-saxão foi se aproximando muito mais da defesa do neoliberalismo, da defesa das liberdades sem barreira para o Estado, ao contrário, o Estado promovendo isso. As pessoas que defendem isso acreditam que não dependeram de nenhuma forma do Estado ou da sociedade, ou seja, de outras pessoas ou de outras instituições, elas teriam conseguido suas conquistas sozinhas, por esforço próprio. Quando, na realidade, sabemos que isso é uma ficção, que não existe. Eu mesma, publiquei um livro, terminei o doutorado, fui indicada a prêmio, mas não foi só por meu esforço. Tive bolsa na universidade, conversei com colegas, várias ideias que estão no livro e na tese vieram de conversas com colegas. Tudo que a gente faz está imbricado em relações sociais, as coisas não surgem do vácuo.

Então é isso: uma operação ideológica que facilita com que as pessoas passem a aderir, ou ao menos a não se colocar contra o avanço dessa lógica de mercado. As pessoas, por exemplo, olham para as grandes corporações, e falam “o presidente é que nem eu, ele não quer pagar imposto, ele conquistou aquilo por esforço próprio”. É muito fácil fazer equalização, que é a mesma equalização que aconteceu nos EUA, em que os pequenos proprietários rurais passaram a se projetar nos grandes, imaginando-os como iguais. É uma operação ideológica que facilita a identificação. Ninguém vê problema em existir bilionários no mundo, as pessoas acham isso normal, certo, ou que cada vez mais tenham corporações maiores. No limite, a pessoa pensa “poderia ser eu, ele não deve nada à sociedade”. Esse é o ponto: perceber as pessoas como desenraizadas da sociedade e sem nenhum tipo de dever, moral ou político, com relação à sociedade em que você está.

13) Eu li alguma coisa em algum lugar há algum tempo, mas não vou me lembrar exatamente onde, que dizia que a ascensão da classe C durante o governo Lula, quando essas pessoas foram perguntadas sobre o porquê dessa ascensão, respondiam “deus” ou “eu mesmo”.

É isso mesmo. Eu mesma, quando estava no mestrado, vi isso. Em certo sentido, não é à toa. Quando a pessoa fala “deus”, ela joga para algo transcendental, quando na prática é algo material. Afinal, são as pessoas, as instituições.

14) Qual a relação entre o liberalismo e outras ideologias políticas, particularmente o conservadorismo? Como era essa relação antes, como é hoje? Mais do que tudo, como é essa relação no caso brasileiro?

Historicamente, em termos políticos, o liberalismo era uma tradição que se opunha ao conservadorismo. Pensando na proeminência principalmente das igrejas, e no caso da tradição ibérica da igreja católica, e na luta contra o Estado monárquico. Os conservadores eram os que defendiam a igreja e a monarquia, e os liberais eram os que se colocavam contra o poder dessas duas instituições. Com a dissolução das monarquias e perda de poder das igrejas, o liberalismo foi se tornando cada vez mais uma espécie de consenso entre as elites políticas e econômicas, enquanto o conservadorismo foi ficando cada vez mais restrito à defesa de determinados costumes. É claro que você tem até hoje gente que defende monarquia em países republicanos, ou que faz uma defesa muito mais enfática do poder eclesial, mas isso acabou virando uma minoria.

Esse movimento acabou facilitando que esse tipo de fusão entre liberais e conservadores acontecesse. À medida que o liberalismo econômico se torna um consenso entre as elites políticas, nada impede que se abrace também a defesa conservadora de determinadas pautas. Se formos pensar no caso do Brasil, por exemplo, o mercado vai continuar funcionando mesmo que pessoas homossexuais não tenham liberdade de se casar ou de ter filhos, não é um impeditivo. Então temos vários exemplos de quando o livre mercado opera, mas minorias têm muito menos direitos. Isso sempre pode acontecer.

Às vezes as pessoas pensam “ah, não, mas não tem como voltar atrás”. Não é exatamente uma volta atrás, mas os direitos sempre podem ser retirados, mas com uma forma ideológica nova. Basta pensar no que aconteceu em vários países árabes, onde as mulheres antes tinham mais direitos do que hoje em dia. Isso não é impossível. E para os liberais que a única pauta é a propriedade privada, tanto faz, desde que consigam extrair o seu lucro. Ao mesmo tempo, óbvio que você tem elites liberais, o que a Nancy Fraser chama de neoliberalismo progressista, que vão defender a combinação do neoliberalismo com o progressismo em termos de direitos de minorias. Nos EUA isso é bem forte em grande parte no Partido Democrata. Claro que você tem figuras que não são neoliberais progressistas no partido, como o Bernie Sanders, mas que são uma minoria. Hoje essas são as alternativas: neoliberalismo progressista, neoliberalismo conservador e os iliberais.

15) O que esperar do futuro liberal após as eleições de 2022? Qual será o papel dos vários níveis de liberalismo nessa nova configuração política que se desenha?

Como nível ideológico e discursivo, o Bolsonarismo acabou colonizando o que chamam de nova direita. Dito isso, com a derrota de Bolsonaro nas eleições, vejo duas grandes possibilidades. Uma delas é o enfraquecimento da imagem de Bolsonaro, devido aos diversos processos nos quais ele está sendo acusado, ou mesmo devido aos atos golpistas após os resultados eleitorais, o que gerou um certo desgaste em sua imagem e causou mal-estar. Isso torna mais provável o fortalecimento da nova direita em moldes mais democráticos, no sentido de que defenderiam as instituições democráticas, embora com uma democracia bastante limitada. Existe a possibilidade de a nova direita se fortalecer politicamente nos próximos anos.

Por outro lado, existe o caminho oposto. O Bolsonarismo pode manter a hegemonia que conquistou no campo das direitas, enquanto o restante da nova direita fica um pouco apagado. O Bolsonarismo continuaria mantendo sua influência na sociedade civil. Muitas vezes, quando pensamos nas forças políticas com maior poder de influência, olhamos para os partidos e para a política institucional. No entanto, acredito que seja importante olharmos para os quadros políticos, pois eles não necessariamente estão nos partidos, muitas vezes estão fora deles. Quem serão os presidentes do Banco Central? Quem será o Ministro da Economia? Já temos exemplos como Tarcísio em São Paulo, que será o próximo governador e já indicou uma pessoa com orientação neoliberal radical para ser secretário da educação.

As pessoas simplesmente deixarão de estar no poder? Apenas porque o Partido Novo se desfez, deixarão de disputar eleições? Isso importa menos. Essas pessoas vêm de fora para dentro e ocupam posições de destaque em diversas políticas públicas. São elas que decidirão o que será privatizado, o que será feito. É importante sempre observar esses quadros, independentemente de o Bolsonarismo se fortalecer ou enfraquecer. Esse tipo de dinâmica continuará ocorrendo no campo da direita. A nova direita ganhou, sim, tração e, entre as gerações mais jovens, ela é ainda mais radical do que entre as mais velhas.

16) Maravilha, acho que é isso. Gostaria de ouvir mais de você, falar sobre o livro e também discutir algumas questões conjunturais que não podemos evitar, é claro. Quero agradecer a você mais uma vez. Se tiver mais algo a dizer antes de encerrarmos, fique à vontade.

Eu que agradeço. É sempre bom conversar, até para pensarmos em voz alta. Espero ter ajudado. Estou à disposição. Tenho muita curiosidade para ver o resultado da sua pesquisa, pois é um tema muito importante.

Obrigado, querida. Um grande abraço!

Um abraço!.